



Trabalho de Conclusão de Curso

Curso de Relações Internacionais

TCC em Formato de Artigo Científico Conforme Definido Pelo Regulamento de TCC Projeto Pedagógico de Curso do Curso de Relações Internacionais em Cumprimento das DCNs do Curso de Relações Internacionais (MEC/CNE)

Título do Trabalho: O papel dos EUA na manutenção dos “Contras” na Nicarágua durante os governos de Ronald Reagan (1981-1989)

Nome do(a) Estudante: Ingra Germano de Araújo

Nome do(a) Orientador(a): Fábio Luis Barbosa dos Santos

Ano de Depósito: 2021

RESUMO: Este artigo propõe-se a entender o papel dos EUA na manutenção do grupo que se opunha ao governo sandinista, “contras”, entre os anos 1981-89, durante os dois mandatos do presidente Ronald Reagan. O estudo se justifica no sentido de analisar a estruturação de uma oposição armada dentro de um país independente da América Central, a Nicarágua, por parte dos Estados Unidos, bem como de entender mais profundamente o papel dos EUA como aquele que intervém, quando lhe convém, como apoiador de um governo, ou de oposição. O contexto é dado pela vitória da revolução sandinista que tinha como um dos objetivos, a luta contra o imperialismo norte-americano. É comum, no aspecto social e político, haver grupos de oposição ao governo, mas no caso da Nicarágua essa oposição torna-se peculiar no sentido de contar com o apoio externo e militar dos Estados Unidos durante os anos da década de 1980.

ABSTRACT: This article aims to understand the role of the US in maintaining the group that opposed the Sandinista government, “Contras”, between 1981-89, during the two terms of President Ronald Reagan. The study is justified in the sense of analyzing the structure of an armed opposition within an independent Central American country, Nicaragua, by the United States. The context is given by the victory of the Sandinista revolution, which had anti-imperialism as its fate, as well as a deeper understanding of the role of the USA as the one that

intervenes, when it suits it, as a supporter of a government or opposition in a Central American country. It is common in the social and political aspect to have groups opposing the government, but in the case of Nicaragua, this opposition becomes peculiar in the sense of having external support from the United States during the 1980s.

PALAVRAS CHAVE: Os Contras. Nicarágua. Ronald Reagan. Oposição armada.

Introdução

Através deste artigo, propõe-se traçar, brevemente, aspectos da revolução nicaraguense, seus objetivos e ainda aspectos do governo revolucionário, considerados relevantes à contextualização a respeito da construção de grupos de oposição ao governo entre os anos de 1981-89, mais especificamente “Os Contras”, e como os EUA influenciaram na manutenção deste último, dado um contexto internacional de fortalecimento militar e luta contra movimentos de caráter de esquerda como com intuito de conter o avanço soviético e se atentar ao “Inimigo do Mal”, conceito que será mais bem trabalhado ao longo do texto.

A primeira hipótese deste trabalho é de que a manutenção do grupo anti-governo “Contras” na Nicarágua, em um contexto pós-revolucionário, se dá com intuito de reafirmação do poder militar e ideológico por parte dos EUA através de diversos grupos, sobretudo latinos, seja civil, seja de apoio ditatorial, mas que acima de tudo remonta uma burguesia dirigente incapaz de aceitar qualquer tipo de progressismo às classes pobres, mas sim que defende seus interesses acima do da maioria e que alimenta o neoliberalismo para que os distingue cada vez mais das classes pobres, condições estas também entendidas como significativas à explosão de grupos de caráter reivindicatório. Não é possível desconsiderar que não haja a união entre fatores internos e externos capazes de contribuir ao contexto de instabilidades que viveu o governo sandinista olhando para a formação e manutenção dos Contras.

A partir disso, trabalhou-se a ideia de que a intervenção norte-americana na Nicarágua remonta a um período anterior ao da revolução nicaraguense e é portanto, e não dada somente a partir da justificativa do perigo socialista na América Central e do Sul a partir da Revolução Cubana e posteriormente a nicaraguense. O governo de Ronald Reagan é visto como de “fortalecimento militar e moral [...] combate aos soviéticos e ao comunismo” (PECEQUILO, 2008, p. 31), até por ser membro do Partido Republicano, mais conservador do que o Democrático nos EUA, mas a “ajuda” é mais pragmática já que o ex ditador Somoza também contou com apoio militar norte-americano e uma vez derrubado, passa a militarizar seus opositores reafirmando, a partir da intervenção, seu desdém com a soberania popular nicaraguense e com o governo revolucionário que ali se instaurou.

Assim, a formação de um grupo militarizado com apoio externo se dá em um contexto em que a intervenção ali já é rotineira e entender o papel dos EUA para a manutenção torna-se mister no sentido de discutir que a formação desse remonta um contexto maior e que afeta também na Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), já que quando torna-se vitoriosa em 1979, compunha não só um grupo popular e socialista, mas que congregou diversos grupos com distintas tendências, até mesmo a burguesia dissidente, associada ao capital internacional.

A oposição ao governo sandinista a partir dos Contras é militarizada e conta com o apoio dos EUA é uma fissura evidente, mas também há outras latentes.

O artigo buscou fundamentar, através de um levantamento histórico, a intervenção imperialista norte-americana na Nicarágua durante os governos de Reagan, procurando entender de que forma os EUA auxiliaram na formação e manutenção do grupo dos Contras, e a partir disso, discutir de que forma essa intervenção é mais latente do que o contexto pós revolucionário, que vivia a Nicarágua, e o cenário internacional bipolar pode presumir.

I. O “inimigo” norte-americano em vistas da política externa

Quanto mais a sociedade se distancia da verdade, mais ela odeia aqueles que a revelam.
(George Orwell)

Diversas são as leituras que trabalham a ideia da criação de inimigos no que se refere ao plano político internacional estadunidense em vistas da sua política externa. Sobretudo no plano da política externa, segundo Lucas Amaral Batista Leite (2013)¹, fica a cargo da figura do presidente levar ao senso comum perspectivas capazes de justificar, ou ao menos alinhar, a respeito de quem seriam ou são os “amigos” e “inimigos”, a fim de levar compreensão das políticas adotadas frente a outros países. A política externa norte-americana, a partir da análise de Cristina Pecequilo (2013), que coloca que, após a Segunda Guerra Mundial manutenção de sua hegemonia se baseou em um estilo específico com o incremento de organizações:

“Os Estados Unidos construíram um “estilo especial de liderança”, visando o estabelecimento de uma dominação de caráter “benigno”. Este caráter era reforçado pela opção da autorrestrrição estratégica. O internacionalismo multilateral, sustentado na lógica da cooperação institucionalizada em organizações internacionais governamentais (OIGs), ganhou precedência, baseado em uma retórica positiva de democracia e liberdade. Isto não significaria que se abria mão do poder militar, mas sim que o mesmo seria associado a outros mecanismos de dominação, tornando a relação dominante/dominado mais complexa.” (p. 4-5)

A função das OIGs no estudo das Relações Internacionais é bastante complexa, o que se considera neste trabalho, é que elas tendem a corroborar à manutenção da hegemonia² de

¹ Lucas Amaral Batista Leite (2013) analisa especificamente discursos presidenciais norte-americanos a fim de compreender o papel da figura do presidente como aquele que se comunica com todos e é capaz de alcançar o senso comum. O período de recorte trabalhado é diferente do que utilizo em minha análise, no entanto a ideia de “inimigo” presente nos discursos à vistas da política externa auxiliou neste trabalho no sentido de entender que se trata de uma constante por parte dos EUA. Ver mais em: A Construção do Inimigo nos Discursos Presidenciais norte-americanos do Pós Guerra-Fria.

² Utiliza-se aqui o termo hegemonia, elaborado em função das relações entre as classes, a partir de uma perspectiva gramsciana em que, o hegêmona caracteriza-se por um papel de liderança e neste caso, entre países a partir de um consenso entre as classes. Não foi utilizada nenhuma bibliografia específica para essa concepção, apenas trago o

certas potências, como os EUA, e auxiliam na implementação de modelos neoliberais, como com a Organização das Nações Unidas (ONU). A respeito deste último, Virgílio Arraes (2003)³ coloca que,

“a primeira década da nova ordem mundial não inscreveria democracia como um firme desígnio tanto dos Estados Unidos bem como da ONU, ao menos do ponto de vista prático, porque, retoricamente, ela sempre figurará como propósito do pensamento neoliberal” (p. 16)

Isto é, a democrática nação norte-americana não mede ações de intervenções e as justificam com argumentos de defesa a seus princípios, vinculada a criação de uma estrutura política e econômica, a partir das OIGs, capazes de auxiliar na penetração de países inimigos sem a incorporação, na prática, de preceitos democráticos.

No que se refere ao multilateralismo, e a atuação das instituições multilaterais, a hegemonia e influência dos Estados Unidos fazem com que levem, segundo Pecequilo (2013), “a subestimação de algumas coalizões entre essas demais nações e a superestimação de sua capacidade de conseguir controlar estes equilíbrios regionais e globais de forma tão extensa ou eficiente, dadas as mudanças no equilíbrio de poder mundial” (p. 5). Assim sendo, a partir de um modelo de aproximações e intervenções teoricamente pró-democráticas, os EUA achou modos de projetar seu poderio militar, então o “sistema de organizações multilaterais e redes de interdependência externas e do reforço do aparato militar e diplomático norte-americano para a projeção de poder hegemônico.” (*idem*).

A busca pelo controle dos inimigos não vem a partir do multilateralismo, mas este último aparece como parte de um aparato político frente a essas ações de caráter internacional intervencionista, considerando ademais, aspectos de poder e a capacidade de influência dada a certas nações, anarquia nas relações internacionais e a ineficiência frente às relações de classes entre os países. A partir da Guerra Fria esse modelo se dá a partir com o objetivo de contenção soviética e comunista.

“Durante a Guerra Fria, as ideias da missão especial e da identidade definida pelo combate ao inimigo foram essenciais e sustentaram o consenso doméstico. A ideia do inimigo tornou-se funcional para o estabelecimento da identidade nacional a partir do outro, tanto que, com o fim da bipolaridade, uma das principais dificuldades estratégicas tem sido a de estabelecer um novo “outro”. Na ausência destes parâmetros, as relações políticas e jogos de barganha domésticos revelam tanto uma estrutura permeável ao debate e a demandas, como à fragmentação e instabilidade.” (PECEQUILO, 2013, p. 6)

conceito trabalhado muitas vezes em disciplinas obrigatórias do curso de Relações Internacionais que foi capaz de garantir uma análise crítica sob esta e outras perspectivas a respeito de conceitos-chaves para a área.

³ Virgílio Arraes traz uma pequena, mas rica contextualização a respeito da “II-Pós Guerra do Golfo” para o Boletim de Análise de Conjuntura em Relações Internacionais (2003) de em que, elucida questões da política norte-americana desde a Guerra Fria considerando que o discurso democrático tende a muitas vezes justificar diversas intervenções externas, além de trazer elementos que fundamentam a criação e o papel de organizações como a ONU que, primordialmente, tem o papel de elevar o pensamento neoliberal.

Para além das tendências multilaterais, neoliberais, democráticas, sua eficácia até sua variedade no que tange o escopo de atuação, o governo Reagan, segundo Pecequilo (2013), segue uma corrente republicana neoconservadora:

“Ligada ao Partido Republicano, essa corrente neoconservadora possui suas origens nos anos 1960, fortalecendo-se a partir da década de 1980 com a chegada de Ronald Reagan ao poder: a valorização do componente militar, a definição da política externa como missão (ativismo democrático e intervencionista), a centralidade dos valores morais e religiosos, o excepcionalismo e a expansão do poder dos Estados Unidos são elementos desta agenda.” (p. 13)

A agenda de política externa norte-americana, portanto, junto a tendência do multilateralismo no contexto Pós II Guerra Mundial e durante a Guerra Fria, pôde auxiliar na manutenção de sua hegemonia e da criação de uma estabilidade internacional baseada no receio de sua força militar por parte dos outros atores internacionais, de diversos tipos. Desse modo, as ações e estrutura com que se formulou a agenda de política externa se justificam pela necessidade de se conter o avanço dos inimigos, o avanço de sua ideologia, territorial, mesmo que isso exija o uso da força, exija a manutenção de um governo autoritário, ou de grupos antigoverno.

II. A Revolução Nicaraguense

*Vi tanta crueldade ao longo do tempo, e mesmo
calejada me comovo ao ver os homens
derramando sangue para destruir sonhos.
(Itamar Vieira Junior)*

A Frente Sandinista de Libertação Nacional que se configurou por uma luta anti-imperialista, surgiu no início da década de 1960 e seguiu uma ideologia de cunho esquerdista que se desenvolveu em grande parte da América-Latina e Central no período de um modo geral, sobretudo a partir da vitória da Revolução Cubana. Além disso, o cenário internacional vivia um contexto bipolar em que a maioria das tendências políticas eram divididas entre os pólos de poder esquerda e direita devido à Guerra Fria e a antítese ideológica entre os EUA e a União Soviética (URSS).

O indivíduo que dá nome à Frente, o guerrilheiro Augusto Cesar Sandino (1895-1934), mostra como a história da Nicarágua está ligada ao intervencionismo norte-americano e ao surgimento de grupos que lutam pelo fim do mesmo. Foi morando no México, por volta de 1926, que Augusto César Sandino teve contato com ideias anti-imperialistas das quais, mais tarde, lutou em seu país. Criou métodos de guerra e guerrilha e junto com, em sua maioria,

campesinatos⁴, formou uma frente que lutava contra os fuzileiros navais e a intervenção norte-americana na Nicarágua. A Nicarágua, bem como outros países da América Central e Latina, como o México, sofriam da intervenção militar estadunidense desde o processo de independência. Os Estados Unidos buscavam alinhar seus interesses aos dos novos países independentes. Os *marines*, eram conhecidos em várias regiões da América Central e significavam o poderio militar e naval norte-americano diante das novas nações, além de impulsionar sua influência regional frente ao mundo criando zonas de influência. Em resumo, Sandino, em 1934 foi morto pela Guarda Nacional, durante a ditadura no país, no qual um dos Somoza, família que governou o país por mais de quarenta anos, era o chefe. Segundo Matilde Zimmermann (2006), se tratava do “homem que os Estados Unidos haviam escolhido para liderar a Guarda Nacional” (p. 30). A Guarda Nacional tem um papel importante em manter a estrutura política de poder e de estar vinculada aos Estados Unidos.

Além disso, no período da formação da FSLN, em meados dos anos 60, há muita influência do vitorioso processo revolucionário de Cuba. O nicaraguense Carlos da Fonseca Amador, que no período morava em Cuba, estuda sobre Sandino e de igual maneira, ainda que décadas depois, divide com a insatisfação com o imperialismo estadunidense frente ao país natal em comum e, mais tarde, já na Nicarágua, nomeia a Frente em sua homenagem. Em meio a ditadura, avança para a formação de uma oposição estudantil. Desse modo, “Fonseca começou a buscar inspiração e um novo modelo estratégico em Sandino”⁵. Por isso, a inspiração estratégica de Sandino dava um caráter armado à Frente.

Segundo Roger Anjos de Sá (2014), haviam dois principais grupos em meados de 1960 contrários à ditadura de Somoza: a FSLN que, além dos guerrilheiros inspirados por Sandino, buscava compor setores urbanos, já mobilizados a partir de sindicatos, e universitários; e a burguesia dissidente “ligada a outros organismos da sociedade civil, como a Igreja Católica, que passou a exigir um processo de democratização e ampliação de sua participação na direção do Estado” (p. 17-18). Edelberto Torres-Rivas (2015) também discorre sobre a particularidade da classe burguesa e coloca: “la primera particularidad nacional de la clase dominante, cuya condición de tal expresa primeiro su articulación extrajera” (p. 112)

Quando a ditadura é insustentável, os diversos grupos que se somam, se preocupam mais em derrubar a ditadura que implantar uma revolução capaz de mudar a estrutura organizada de poder. Segundo Torres-Rivas (2015), havia nos países da América Central

⁴ ZIMMERMANN, Matilde. **A Revolução Nicaraguense**. Coleção Revoluções do Século XX. São Paulo: Editora Unesp, 2006. p. 30

⁵ Ibidem. p. 23-44.

grandes lutas abertas contra os poderes políticos vigentes. Havia movimentos de esquerda que reconheciam a “democracia de fachada”⁶. Assim, a FSLN, que derrubou a ditadura de Somoza em 1979, não compunha um grupo revolucionário único. Ao longo dos anos, a integração e incorporação de diversos grupos auxiliaram em número, força e representação política, mas a divergência de interesses acaba por limitar e criar obstáculos às ações, já que tende a favorecer certos grupos e lesar outros buscando a manutenção de alianças. A Frente vitoriosa buscava mais o alvitre da vitória do que a mudança estrutural que formou a sociedade política ditatorial nicaraguense.

Ainda durante a Revolução, a burguesia dissidente, um dos grupos incorporados à FSLN, mantinha relações com os EUA para apoio da derrubada de Somoza. Afinal, uma ditadura inicialmente amparada, uma economia dependente e o apoio militar dos norte-americanos, quando se torna insustentável a diversos grupos da sociedade, torna a manutenção do poder de influência dos Estados Unidos e seu apoio maleável. Isto é, ainda que a Frente tivesse, entre seus diversos grupos, um objetivo comum de acabar com a ditadura, os meios utilizados e idealizados são distintos e capazes de afetar diversos outros interesses internos. Pode-se dizer que alianças inadequadas marcam a história da Nicarágua.

Quando tal grupo heterogêneo vitorioso vai ao poder a partir da revolução, de início, procurou-se atender as necessidades, de um modo geral, populistas, ainda que a burguesia dissidente se mantivesse no poder político, administrativo e econômico sem gerar uma ruptura direta com os EUA. Afinal, a condição de produtor primário da Nicarágua dificultava a estatização da economia⁷. Mas, a FSLN com seu grande apoio popular e a união com classes dirigentes da burguesia parecia o único caminho que garantiria a vitória.

Dentre os grupos, destaca-se o “Grupo de Los Doces”, formado essencialmente pela burguesia nicaraguense, uma camada de religiosos e liberais. Há diversos nomes vinculado ao grupo que possuíam grandes propriedade e Engenhos no país, bem como de instituições financeiras norte-americanas⁸. Nota-se aqui que a inconsistência da ditadura, abre espaço para que os EUA penetre setores políticos levando um discurso político democrático e neoliberal para dentro da revolução nicaraguense. Olhar a situação de carranca é possível entender que, os

⁶ TORRES-RIVAS, Edelberto. **Centroamérica: entre revoluciones y democracia; antología e presentación**, Jorge Rovira Mas - México, D. F.: Siglo XXI Editores. Buenos Aires: CLACSO, 2015, p.23.

⁷ SÁ, Roger dos Santos de. **A Revolução Sandinista: Do triunfo à derrota (1979-1990)**. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2014, p. 65.

⁸ SÁ faz um estudo minucioso dos componentes de cada grupo, partido e movimentos que convergiram para o grupo revolucionário vitorioso na Nicarágua. Segundo ele, o Grupo de Los Doces possuía membros de conhecimento e aceitação internacional e isto é, contavam com apoio dos EUA, sobretudo vinculado à burguesia. Ver mais em: *Ibidem*. p. 36-37.

EUA no sentido de tentar perdurar a repressão e ditadura, apoia a Guarda Nacional e sua militarização contra a oposição, mas no caso em que se desenha sua inconsistência, a estratégia de infiltração vem camuflada com o discurso democrático neoliberal. Aproveitando as distoantes camadas que se juntaram para lutar contra o fim da ditadura dos Somoza, buscando manter seu discurso em voga. A inconsistência no aparato militar à ditadura abre espaço para sua penetração no quadro político, entregando apoio a representantes da burguesia, sobretudo de figuras vinculadas ao “Grupo de Los Doces”. É dessa forma se permitiu que o imperialismo ainda penetrasse as classes abastadas e influenciasse as decisões do foverno, suscetível à criação de uma oposição, além de estas ainda buscarem pela manutenção de seus privilégios.

III. O triunfo dos sandinistas

Quem não se movimenta, não sente as correntes que o prendem. (Rosa Luxemburgo)

A Frente se mostrou cada vez mais heterogênea. Em 1976, Carlos Fonseca, um dos maiores representantes e idealizadores da revolução morre e se abre uma discrepância ainda maior entre as tendências⁹. Para o triunfo, Zimmermann (2006) discute que as estratégias da FSLN visavam campanhas militares ao povo de um modo geral, enquanto a burguesia se encarregava de desafiar Somoza no âmbito político. Trata-se de uma estratégia distinta das ideias de Carlos Fonseca, que acreditava que a revolução deveria ter um caráter popular somando forças entre os trabalhadores e os camponeses, de maneira que o comando estes deveriam derrubar as forças do capitalismo. A FSLN com seu grande apoio popular e a união com classes dirigentes da burguesia parecia o único caminho que garantiria a vitória. Sá (2014) coloca: táticas e estratégias diferentes, objetivo comum. Mas que foram capazes de direcionar a criação do Diretório Nacional (p. 34). A burguesia dissidente tinha o papel de mediar a saída de Somoza com apoio dos Estado Unidos através dos Los Doces.

A invasão ao Palácio Nacional foi um evento significativo na luta contra a ditadura. Os sandinistas armados fizeram reféns no palácio e estabeleceram exigências, das quais o governo cedeu. Segundo Torres-Rivas (2015), a vitória “es un ejemplo vivo y transparente de lo que significa recuperar la posibilidad histórica de construir una identidad nacional, vinculado profundamente a las luchas populares y a la toma del poder” (p. 123). Além disso, o assassinato do jornalista Pedro Chamorro favoreceu a aliança entre guerrilheiros e oposição liberal e

⁹ ZIMMERMANN, Matilde. **A Revolução Nicaraguense**. Coleção Revoluções do Século XX. São Paulo: Editora Unesp, 2006. p. 58.

burguesa. A queda do governo foi mediada pela OEA (Organização dos Estados Americanos) que propôs a saída de Somoza e seguiu, interferindo e mediando, de diversas formas, com a negociação e formulação do novo governo. Rafael Villa (2003) em estudo sobre a agenda democrática da OEA no período da Guerra Fria indica de que forma o caso nicaraguense deve ser usado como exemplo sobre como o órgão deve resistir à pressão estadunidense frente a geração de medidas punitivas¹⁰. O apelo ao órgão e autoridades internacionais de fato pode garantir mais visibilidade e contribuir para a queda do regime. Mas, deve-se olhar criticamente para, de que forma a revolução ganha mais visibilidade, mas também torna-se alvo de medidas de contenção do avanço do anti-imperialismo. Afinal, na história dos países da América Latina, há sempre uma classe dirigente no país, que se caracteriza por ser associada ao capital estrangeiro¹¹ e na Nicarágua não foi diferente, mesmo que através de, como mencionado, órgãos de caráter internacional.

Em 1979, a FSLN lança o documento *Nicaragua: la lucha popular contra la dictadura*¹², destaca-se a propositiva da solidariedade internacional. O documento anuncia que a criação, em 1927, da Guarda Nacional tinha como objetivo a manutenção dos interesses norte-americanos no território nicaraguense. O documento tem um caráter todo anti-imperialista, e destaca os inimigos, sendo:

“Nuestros enemigos: la dictadura y el imperialismo, así como sectores burgueses que hasta hoy venían siendo nuestros aliados en la lucha antidictatorial, han visto asustados y llenos de pánico contrarrevolucionario las heroicas jornadas de septiembre; saben que nuestro pueblo, el pueblo de Sandino, precedido por su vanguardia, ha comenzado a andar y que no dejara de caminar por los senderos de la INSURRECCION hasta alcanzar la victoria sobre ellos.” (FSLN, 1979, p. 105-115).

Ainda que o documento tenha sido escrito pela Frente que já compunha diversas tendências sendo uma delas, a burguesia dissidente. Novamente parece que o alvitre da vitória é capaz de manejar os interesses internos de cada grupo, mas será decisivo no que tange a instauração do governo revolucionário. Quando tal grupo heterogêneo vitorioso vai ao poder a partir da revolução, de início, procurou-se atender as necessidades, de um modo geral, populistas, ainda que a burguesia dissidente se mantivesse no poder político, administrativo e econômico sem gerar uma ruptura direta com os EUA. Afinal, a condição de produtor primário da Nicarágua

¹⁰ VILLA, Rafael A. D. A questão democrática na agenda da OEA no pós-Guerra Fria. Dossiê Relações Internacionais. Rev. Sociol. Polit. nº20, jun. 2003.

¹¹ TORRES-RIVAS, Edelberto. **Centroamérica: entre revoluciones y democracia; antología e presentación**, Jorge Rovira Mas - México, D. F.: Siglo XXI Editores. Buenos Aires: CLACSO, 2015, p. 81.

¹² FSLN. *Nicaragua: la lucha popular contra la dictadura*. Cuadernos Políticos, número 20, México, D.F., editorial Era, abril-junio de 1979, p. 105-115.

dificultava a estatização da economia¹³. Torres-Rivas (2015) também coloca que a interferência imperialista tende a causar reconstruções das instituições estatais, e, no caso nicaraguense, “La “conquista” económica fue posterior a la injerencia política” (p. 117).

IV. Vitória revolucionária, derrota popular

A reforma agrária era um dos objetivos a serem atingidos após a vitória da revolução, pois os camponeses, a principal e maior classe do país, compunham também o maior grupo entre os revolucionários, esta era uma das maiores reivindicações. O apoio desta classe veio, segundo Salvador Martí i Puig¹⁴ (2012), pois a FSLN tinha como objetivo,

“crear una red de apoyo y colaboración y no la articulación de un movimiento social [a relação com os guerrilheiros da cidade aconteciam de modo que, eles] se relacionaban con los campesinos, hablaban, pedían ayuda, vivían en sus casas, respetaban su forma de vida, hablaban de sus problemas... y establecían relaciones con un fuerte contenido afectivo” (p. 240)

Com a vitória, de imediato, as terras que pertenciam à família Somoza sofreram reformas, mas somente elas. Além disso, o planejamento econômico não quebrou as estruturas de classes de poder vigente no país, pois, a necessidade de responder a interesses populares e burgueses limitou as ações do poder vigente no cenário pós-revolucionário. O governo instaurou medidas de pagamento de salários atrasados, gerando revoltas por parte da burguesia. Por outro lado, se perpetuavam as tensões dos agrários pela reforma prevista. A estatização ocorreu no setor financeiro e no comércio exterior (SÁ, 2014, p. 63).

Segundo Carlos Vilas (1986) esse período na economia da Nicarágua é caracterizado por uma economia mista, em “que o Estado assumisse o controle dos ditames e dos rumos da economia, subordinando o setor privado” (apud SÁ, 2014, p. 67). De um modo geral, o Estado promovia o desenvolvimento, controlava e gerenciava questões de âmbito social defendendo certos interesses dos trabalhadores e campesinatos, e também deixava que o setor privado controlasse os meios de acumulação de capital. Já para Zimmermann (2006) a disputa entre as classes e os efeitos da revolução é mais latente, de modo que as distinções entre as classes e a resposta do governo frente às reivindicações de cada uma delas seja capaz de distingui-las cada vez mais. Afinal, este é um dos efeitos do capitalismo, em que a burguesia se alicerçou cada vez mais com o passar dos anos. No entanto, o caráter revolucionário da FSLN era anticapitalista. Desse modo, dá para entender como, ao agregar grupos distintos à luta, a defesa

¹³ SÁ, Roger dos Santos de. **A Revolução Sandinista: Do triunfo à derrota (1979-1990)**. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2014, p. 65.

¹⁴ Salvador Martí i Puig é atualmente professor de Ciência Política da Universidade de Girona e entusiasta dos estudos latinos. Em Nicarágua (1979-1990), La Revolucion Enredada, traz extensa bibliografia da Nicarágua.

de interesses e a busca por objetivos distintos para o futuro social, político e econômico da Nicarágua pode ser conflituoso. Ainda que se tente responder a diversos setores, a resposta vem incompleta e incoerente com as necessidades que cada classe demanda. A aproximação da burguesia com o setor internacional será um fator decisivo na construção de grupos contra o governo sandinista afinal, “uma vez que a construção deste equilíbrio instável de contradições, sua preservação no meio de tensões crescentes, sua adaptação a conjunturas mutantes, dependem do exercício direto do poder político pela organização que orienta o conjunto do processo” (VILAS, 1986, p. 96).

Ramírez dispõe que, “A Revolução Sandinista alterou os parâmetros das relações internacionais durante a Guerra Fria, e ao se converter em tema prioritário da política exterior dos Estados Unidos, durante a presidência imperial de Ronald Reagan”¹⁵ vira tema de preocupação em diversos fóruns da política internacional, afinal, a Nicarágua não seria o único país a ser alvo da política hostil reaganiana, neste período políticas de auxílio e já bastante estudada vinculam a Nicarágua e Irã a esse contexto.

Para entender o caminho que levou o levante por parte dos campesinatos, é importante entender de que forma processos políticos obscuros confundem as massas, o repetido contexto de incoerência do governo revolucionário, por muitas vezes, limitou espaços de liberdades dos grupos sociais, limitou a ação e não se preocupou com a especulação e expectativas. Dessa forma, torna-se mister uma análise mais atenta à obra de Puig (2012), ele coloca que a intervenção por parte de órgãos criados pelo governo revolucionário, seja na restituição de algumas terras, seja na interferência do comércio local pela, por exemplo, Empresa Nicaraguense de Alimentos Básicos (ENABA), em pouco tempo a sociedade das regiões sentiram o impacto da mudança: “las redes de comercio tradicional que cruzaban toda la montaña se quebraron, golpeando fuertemente la base de la economía campesina” (p. 245), as medidas proibiram a venda e compra de artigos essenciais como café e açúcar, a medida dificultou o acesso e abastecimento da população.

Para além dos aspectos internos, Sá (2014) coloca as formas com que os EUA procuraram penetrar e ansiar o fim do governo revolucionário, não somente através de aparato militar:

¹⁵ Sérgio Ramírez traz escritos essenciais que ajudam a entender as grandes transformações que surgiram na Frente Sandinista de Libertação Nacional sob uma perspectiva interna já que era um dos membros vinculados à ela. O incômodo com as inconsistências e insatisfação narram a disparidade entre os grupos internos. Em *Adiós Muchachos* contextualiza o cenário internacional frente à vitória revolucionária sandinista. Ver mais em: RAMÍREZ, Sergio. *Adiós Muchachos: a história da Revolução Sandinista e seus protagonistas*. Rio de Janeiro: Record, 2011, p.35.

“Após 1984, ocorreu uma intensificação das ações contrarrevolucionárias que adentram cada vez mais o interior do país e promovem ataques de características variadas. Destruição de infraestrutura e de plantações, saques e sequestros de camponeses constituíram práticas corriqueiras das tropas. Junto aos ataques militares a Contrarrevolução promoveu uma onda de propaganda nas zonas rurais com o intuito de angariar membros entre os camponeses. O baluarte da propaganda era a ideia de que o Governo Sandinista promoveria a tomada de suas propriedades, tornando-os funcionários do Estado [...] Assim houve uma intensificação por parte dos Estados Unidos no projeto de derrubar o governo da Frente Sandinista, mediante o incremento do poder da Contrarrevolução – militar e economicamente –, o estrangulamento econômico, o cansaço e a propaganda ideológica” (p.163-165)

V. “Ajuda” externa; Insatisfação interna

*Quanto mais liberdade se concede aos negócios,
mais cárceres precisam ser construídos para
aqueles que padecem com os negócios.
(Eduardo Galeano)*

Gilles Bataillon (2011) traça as duas correntes de análise que surgem no que tange às diversas instabilidades sócio-políticas que se segue na Nicarágua após a vitória revolucionária em que, uma delas entende que são causadas pelas inúmeras “desestruturação das relações sociais, induzida pelo desenvolvimento socioeconômico (p. 02); e outra que atribui certo papel dos Estados Unidos da América e à presidência de Ronald Reagan, bastante sublinhada por autores como Alain Touraine. Primeiramente, vamos trabalhar a segunda delas. No caso da revolução nicaraguense, a influência norte-americana se desenha em um primeiro momento através dos “marines” até mesmo através de tratados que firmavam direitos do Río San Juan que passa por grande parte da América Central¹⁶, do qual Augusto César Sandino lutou para queda dos fuzileiros navais em solo nicaraguense. Em um segundo momento através da Guarda Nacional, assassina de Augusto César Sandino - e é desse grupo que à mando da ditadura Somoza surge muitos membros dos “contras” com intuito de fazer oposição ao governo sandinista anos depois.

Ainda que muitos sustentem um apoio militar direto por parte dos EUA. A estratégia, dessa vez, é mais pungente a considerar que auxilia com intuito de adentrar e acabar com a revolução por vias internas. Roger dos Anjos de Sá coloca que o papel dos Estados Unidos na contra revolução acontece por dentro da institucionalidade vigente e vai além da ajuda direta e também se deu através de ações em que

¹⁶ Gilles Bataillon em seu artigo para a Revista de Estudos e Pesquisas Sobre as Américas, (volume 5, 2011), através de uma linha temporal destaca alianças que tendiam a firmar a influência dos EUA na Nicarágua, ainda que procure entender as duas guerras civis que ocorreram no período na Nicarágua de forma mais pungente no que tange o conflito armado alimentando conflitos de oposição. in: De Sandino aos Contras: formas e práticas de guerra na Nicarágua.

“forçar o governo sandinista a concentrar suas forças e recursos na defesa, provocando um alto custo econômico que vai se refletir, por exemplo, no crescimento da inflação. Desta maneira, o governo tirou o foco da transformação revolucionária. A tática, portanto, era implodir a revolução sandinista, erodindo suas bases de sustentação para então fazê-la cair.” (2014, p. 160)

O autor ainda destaca que as ações vieram de agências de diversos tipos no contexto do escândalo Irã-Contras¹⁷ e assim,

“os Estados Unidos venderam armas ao Irã, que sofria um embargo norte-americano devido à Guerra Irã-Iraque (1980-1988), em que o apoio estadunidense era para o Iraque. A partir de 1985, parte dos lucros da venda dessas armas era destinado a financiar os Contrarrevolucionários nicaraguenses.” (2014, p.165)

Dessa forma, trabalhos que olham criticamente para o papel dos EUA e sua luta contra um “Inimigo” ou qualquer outro, como o Irã e tantos outros, incita uma ajuda que toda e qualquer análise aspectos político-sociais deve considerá-la, pois tem seu papel de influência no que tange à atuação dos grupos de oposição e a complexidade das instabilidades no país.

A militarização do grupo a partir dos EUA foi um fator determinante para sustentação do grupo de oposição ao governo sandinista, Bataillon (2012):

“Si los enfrentamientos armados contra los sandinistas comenzaron desde finales de 1979, sus primeros opositores no fueron solamente los contrarrevolucionarios, es más, surgieron en el seno mismo de sus filas. A partir de 1982, esos diferentes núcleos de opositores, recibieron una ayuda militar directa e indirecta de los Estados Unidos, y los sandinistas no supieron evitar una guerra con los contras, que fue a la vez costosa, política y económicamente”

Não em oposição, mas sob outra perspectiva, a outra corrente se baseia no fato de que a desestruturação das relações sociais ocasionou as diversas instabilidades políticas que surgiram no país sob a perspectiva de Torres-Rivas. Destaco que essa perspectiva, seja com Anastasio Somoza, seja com Daniel Ortega, a sociedade nicaraguense sempre esteve em situação de desequilíbrio e assim as guerras, as reivindicações, as lutas, a formação de grupos tendiam a buscar a “libertação” quando na verdade significou, cada vez mais, a busca por uma autonomia ou o retorno de reivindicações, das diversas classes. Afinal, Torres-Rivas (2015), coloca que, a administração reaganiana buscava manutenção do *status quo* e de seus interesses estratégicos, no que se refere a localização nicaraguense,

“En la óptica oscura de la geopolítica no hay aliados confiables, pero en todo caso lo viejo por conocido es mejor. Con ellos, los políticos corruptos y los militares ensangrentados, es posible restaurar el orden interno incluso al precio de continuar o incrementar —donde eso aún sea posible— la violación de los derechos humanos. La visión que esto implica es simplista: de nuevo, un mundo bipolar en el que la Unión

¹⁷ O escândalo Irã-Contras, como coloca SÁ (2014), foi financiado pelo membro do Conselho de Segurança Oliver North de modo que a venda de armamentos para o Irã, que o no período estava em disputas com o Iraque, trouxe financiamento para manutenção do grupo contra revolucionário nicaraguense Contras. Ver mais em: “A Revolução Sandinista: Do triunfo à derrota (1979-1990)”, p. 165. Sobre esse evento, é importante destacar que, o ocorrido sofreu diversas exposições internacionais, a ação tinha o objetivo de estreitar as relações entre os Estados Unidos e o Irã com intermédio de Israel.

Soviética, a través de Cuba, y ahora por intermedio de Nicaragua, intenta nuevos avances expansivos [...] [Assim,] a partir de la crisis nicaragüense, es la erosión de hegemonía en esta región de los Estados Unidos. No es el fin de una omnipotencia, pero tratándose de la región más segura para la política imperialista, donde contaba con los aliados más confiables, esta pérdida relativa de influencia tiene que ser interpretada como un golpe a los designios seculares de control en esta zona” (p. 163-164).

Essa interferência se justificou desta vez, pelo combate ao comunismo, mas entende-se aqui que o controle na área é mais antigo, e neste recorte, desde os já mencionados “marines” por exemplo.

Dessa forma, entender as distintas versões da interpretação da sociedade nicaraguense, seja em oposição ou não, as análises tornam-se mister para a entender as implicações no âmbito político e social que infligiram sobre a manutenção do governo sandinista pós-revolucionário. Entendo que as coisas não acontecem de forma linear e, sendo assim, a influência norte-americana na manutenção da ditadura somozista trilhou caminhos para a revolução. A FSLN vitoriosa quando compunha um grupo tão diverso caminhou para a insatisfação de grupos quando encara-se o fato de que, tendências surgiram e não haveria formas de não haver grupos insatisfeitos, corroborando para a análise de que, também, insatisfações internas sempre, em algum momento, levantarão alguns em uma sociedade que, como veremos mais à frente e constata Bataillon (2011), teve poucos momentos de paz.

VI. O “Império do Mal”

*Não acredito em uma terceira alternativa:
acredito em muitas. (Gabriel Garcia Márquez)*

O contexto internacional da Guerra Fria garantiu uma maior preocupação às questões de segurança. Considero aqui que, a política interna e externa seguem tendências que influenciam uma à outra, o que significa que, a antítese dos dois principais partidos estadunidenses (democrata e republicano) se desenham dessa forma. No que se refere ao Partido Republicano, do qual Reagan se elegeu, ele carrega características que perduram ao longo do tempo, como seu caráter conservador e a adoção de políticas bélicas e intervencionistas ainda que utilizando o argumento de que as intervenções eram dadas pela luta contra esse império do mal, baseado em um discurso anticomunista.

O que se destaca na Era Reagan muitas vezes é o caráter militar intervencionista de seu governo e a luta contra o "Império do Mal". Os governos de Ronald Reagan (1981-1989) são caracterizados como de tendência ao “fortalecimento militar e moral [...] tendo como objetivo a vitória sobre a União Soviética, o Império do Mal, na Guerra Fria” (PECEQUILO, 2008,

p.31). Grande parte da literatura sobre o período enfatiza a disputa entre os EUA e a URSS e o governo de Mikhail Gorbachev, que dá fim à União Soviética. No entanto, é preciso entender que a política anticomunista procurou, em diversas regiões, enfatizar o poderio militar através do auxílio a forças anticomunistas ao redor do mundo. Facilmente os EUA se estabeleceram na costa da América Central buscando, cada vez mais, diminuir a influência soviética na região, pressionando o regime em Cuba, os sandinistas e fortalecendo grupos como os Contras na Nicarágua.

Rodrigo Candido da Silva (2014) trabalha a ideia de que a distinção entre “autoritarismo” e “totalitarismo” auxiliou na política externa reaganiana elaborada pela embaixadora conservadora Jeane J. Kirkpatrick, ele coloca que:

“Para Kirkpatrick, os Estados autoritários, apesar de suprimirem a liberdade da população na área política, eram abertos aos regimes democráticos, suportavam os EUA e mantinham-se abertos aos investimentos estrangeiros. Por isso não haveria problema em se conservar boas relações com países como África do Sul, cujo regime do “Apartheid” impedia os negros de terem acesso a direitos básicos, bem como Filipinas e Argentina, governados por regimes ditatoriais. Dentro desse corpo de ideias, o conceito de “totalitarismo” se aplicava aos países que não demonstravam possibilidade de se convergirem para a democracia estadunidense, eram hostis aos princípios do capitalismo e se opunham aos interesses dos EUA, como a URSS, China e países periféricos que possuíssem governos esquerdistas.” (p. 9)

Essa política é capaz de justificar o auxílio a um governo autoritário, como com a ditadura nicaraguense e posteriormente se opor ao governo sandinista, militarizando os oponentes, por exemplo, “O governo Reagan financiou o CONTRAS, cujos membros foram treinados na Flórida. Essas operações de treinamento consumiram US\$19 milhões do orçamento da CIA e muitos dos líderes do CONTRAS eram remanescentes da ditadura somozista.” (SILVA, 2014, p. 23). Puig (2012)¹⁸ também vai abordar o papel da embaixadora no que tange a formulação das políticas externas do governo de Reagan:

“Otra de las figuras en las que se inspiró la política exterior de Reagan fue Jeane J. Kirkpatrick, profesora de Ciencias Políticas de la Universidad de Georgetown y posteriormente, en 1981, embajadora de los Estados Unidos en la ONU, quien, una vez derrocado Somoza en Nicaragua y el Sha en Irán, expondría sus dudas sobre la naturaleza de los nuevos regímenes emergentes” (p. 75-76).

¹⁸ Em “Nicarágua (1979-1990), La Revolucion Enredada (2012)” o autor carrega a obra de elementos fruto de visitas aos países dando a obra um tom realista e crítico aos acontecimentos. Além disso, estuda o papel dos campesinatos no grupo contra revolucionário a partir do contato direto com o grupo estuda os motivos de sua formação, mas também passa sua percepção sobre ela, e coloca: “Pude participar en el debate interno y las rupturas que experimentó el sandinismo, fui a las zonas rurales del interior (sobre todo a Matiguás) para entrevistar y buscar testimonios de los contras campesinos que se levantaron en armas a lo largo de la década de los años ochenta y que poco a poco –y con muchas dificultades- se insertaron a la vida civil, y también pude reflexionar sobre la dificultad de construir instituciones representativas en el marco de un Estado de Derecho cuyos líderes pocas veces trabajan para el bien común. A lo largo de una década experimenté como la economía de mercado irrumpió de forma abrupta en una sociedad maltrecha, generando brechas sociales crecientes y nuevos elementos de conflicto más allá del binomio que polarizó el país durante toda una década y, a la vez, observé como la gente sencilla y humilde se organizaba para luchar por su supervivencia y dignidad.” (p. 13).

Resumidamente é possível entender que a embaixadora aconselhava e defendia a eliminação de regimes totalitários, e não tão contraditoriamente aparece o apoio a ditadura da família Somoza, ainda que se trate aqui de governos distintos, fica claro que basta que se defenda os princípios norte-americanos, ou baste-se que se mantenha o *status quo* de hegemonia por parte dos EUA.

Para o historiador Hobsbawm (1995), “a política de Ronald Reagan, eleito para a presidência em 1980, só pode ser explicada como uma tentativa de varrer a mancha da humilhação sentida demonstrando a inquestionável supremacia e invulnerabilidade dos EUA, se necessário com gestos de poder militar” (p. 244). Enfaticamente, parte da literatura do período coloca que, tais medidas terminaram por auxiliar na crise que a economia do país enfrentará, mas o fato a se destacar é a vontade de se determinar e não medir esforços para derrubar com o que não corrobora com seus princípios, mesmo que signifique afetar a soberania política dos países independentes.

O historiador Perry Anderson (2015), em seu estudo sobre a política externa norte-americana coloca que além do reforço militar, a política contou com o apoio de outros países da América Central na formação e militarização do grupo,

“A partir de 1982, os EUA reuniram um exército de contrarrevolucionários, bem financiado e equipado, em Honduras e na Costa Rica, para destruir o regime sandinista. Invasões e ataques pelas fronteiras se multiplicaram, com sabotagem generalizada das comunicações, destruição de colheitas e instalações econômicas e o assassinato de civis, em uma campanha diretamente planejada e controlada pelos norte-americanos. Incapazes de controlar grandes faixas de território, os Contras colocaram o país em estado de sítio. Privação e fadiga enfraqueceram gradualmente o apoio popular ao governo sandinista, até que no fim da década ele concordou com eleições, desde que os Contras fossem dispensados, e foi derrotado pelo candidato do Departamento de Estado, o único que poderia dar um fim ao embargo norte-americano que empobrecia o país.” (p. 99-100).

A respeito da condição geopolítica nicaraguense e a política de predomínio na região da América Central por parte dos EUA, grande parte da bibliografia trabalhará e também é um ponto que torna mister as ações que acabaram por garantir força ao grupo dos Contras.

VII. Incapacidade política, insatisfação social

*Os camaradas não disseram
que havia uma guerra
e era necessário
trazer fogo e alimento.
(Carlos Drummond de Andrade)*

As noções de anticomunismo, imperialismo e hegemonia ganharam espaço até agora de modo que fazem parte da política reaganiana. No entanto, bibliografias como de Puig e

Bataillon analisam a formação de grupos contra revolucionários a partir de uma perspectiva em que, se considera que há elementos internos que merecem destaque.

Puig (2012) procura entender por que o governo estadunidense, mais especificamente, o governo de Reagan teve uma postura tão agressiva contra o governo sandinista. Inicialmente coloca o caráter geopolítico da Nicarágua, seja por seus países vizinhos seja pela relação de proteção com que os EUA procuram ter em relação aos países da América Central e Latina de um modo geral. Além de contar com o apoio da agenda da política externa estadunidense, os contra revolucionários somaram forças junto aos campesinatos, devido, segundo o autor, à indiferenças de determinados grupos pelo projeto sandinista. Então, o grupo de contrarrevolucionários nasce da sina de fatores internos e externos, mas utiliza da influência externa capaz de garantir as bases para sua sustentação, somados às diversas insatisfação políticas e sociais que foram hábeis a ponto de convergirem para o fortalecimento do grupo:

“En estas circunstancias el FSLN postergó el tratamiento de las demandas particulares e inmediatas de la gente apelando a un discurso donde el eje central era la agresión bélica de los Estados Unidos. Con el argumento de la guerra y la necesidad de priorizar todos los esfuerzos para hacerle frente, se bloquearon críticas, postergaron demandas y se agudizó la exigencia de disciplina. A la vez, se adoptó una retórica según la cual la Contrarrevolución no tenía otro origen, ni expresaba otros intereses que los de la política antisandinista del gobierno norteamericano y que ésta —la Contra— obedecía a causas esencialmente externas. Este argumento, aunque fue eficaz para mantener una amplia solidaridad internacional y para combatir la pretensión de la administración de Reagan de aislar a Nicaragua” (p. 90)

Ainda segundo o autor, a pressão internacional forçou o estabelecimento de alianças com outros países, afetando ainda mais a agenda do governo sandinista. No cenário pós revolucionário, a estrutura agrária do país se caracteriza por políticas que “concebieron la realidad agraria nicaragüense como relativamente homogénea, percibiéndola como si el modelo «capitalista agroexportador» fuera el dominante en todas las regiones”

Neste mesmo sentido, Bataillon (2011), coloca que, a instabilidade civil se dá pela junção de ambos elementos, internos e externos. No caso do primeiro, questões políticas e sociais somam e alimentam a formação de tais grupos. Além disso, os “actores sociopolíticos fueron conducidos a "radicalizar" sus opciones, como resultado de la incapacidad del "sistema político" de absorber las demandas provenientes de la sociedad, tanto en la época de Anastasio Somoza como durante el periodo sandinista”, além do caráter inflamável da sociedade nicaraguense; no caso do segundo, a intromissão contínua e sempre recorrente, como o autor mesmo coloca

“Los períodos de paz civil no estuvieron nunca exentos de demostraciones de fuerza de las partes presentes, que hicieron muy regularmente llamados a potencias extranjeras, sobre todo a los Estados Unidos. Esto muestra hasta qué punto, desde inicios de siglo hasta los años 1980, el juego político nicaragüense se inscribe sobre

el fondo de un continuo guerrero donde la intromisión de fuerzas extranjeras fue la norma.”

Aqui entende-se que uma mistura de ambos calhou por traçar o rumo de instabilidades que a Nicarágua viveu naquele momento, mas não deixo de enfatizar que, é mister destacar o papel das influências externas, sobretudo quando se olha para os Estados Unidos que muitas vezes faz da América Central e Civil parte de seus territórios de influência quando se trata de imperialismo e manutenção da democracia e luta contra o comunismo.

Assim, na formulação específica dos Contras destaco que, “se dieron a la par de la aparición de sentimientos de injusticia que jugaron un rol decisivo en la movilización de amplios sectores de la sociedad nicaragüense, tanto desde los enfrentamientos contra Somoza en 1979 como contra los sandinistas a partir de 1981”.

As instabilidades internas exigiam do governo nicaraguense uma atenção especial ao setor de defesa, o que acabou por agravar a crise no país. A negociação por parte do governo sandinista para o fim das guerras, sobretudo entre os países da América Central, aconteceram por meio do Acordo de Esquipulas II em 1986:

“O acordo estabeleceu dez eixos para concretização da paz e, portanto, colocar um fim aos conflitos armados na América Central: 1) estabelecimento de uma reconciliação nacional, que perpassaria pela consignação de um diálogo entre as partes beligerantes, de anistia aos rebeldes e da criação de uma comissão nacional de reconciliação; 2) fim imediato dos conflitos armados; 3) compromisso com a democracia representativa e pluralista, com plena liberdade de organização partidária e de imprensa; 4) realização de eleições livres; 5) fim da ajuda por parte do governo a grupos insurrecionais e revolucionários na região; 6) fim da cessão de territórios com objetivos militares para outros países ou grupos guerrilheiros ataquem os países centro-americanos; 7) controle de armamento; 8) comprometimento em ajudar refugiados e deslocados devido aos conflitos armados na região; 9) cooperação econômica; e 10) aceitação de comissões de verificação internacional sobre o cumprimento dos acordos, especialmente os firmados no Grupo de Contadora e nos Esquipulas I e Esquipulas II” (Acuerdo de Esquipulas II *apud* SÁ, 2014, p. 171-172)

O Acordo, no entanto, não garantiu o fim do auxílio militar aos Contras por parte do governo norte-americano, as agressões e a conjuntura de ofensivas permaneceu até a assinatura do Acordo de Sapoá em 1988 com supervisão por parte da OEA (*idem*).

Sendo assim, o imperialismo norte-americano tem sua parcela de culpa em dificultar a implementação do regime e achar formas de penetrar na sociedade adjunta das “classes dominantes locais, que queriam proteger os seus privilégios e continuar a explorar o povo. Mas a orientação da direção sandinista também desempenhou um papel no fracasso da extensão, consolidação e aprofundamento da revolução” (TOUSSAINT, 2018). Segundo Éric Toussaint (2018), a partir de 1988, o governo sandinista adotou um plano de ajustamento, mas que trazia tendências de órgãos como Banco Mundial e Fundo Monetário Internacional (FMI), por exemplo, e destaca que eram entidades que tinham influências de Washington. Em 1989 o

governo sandinista tentou novo acordo com os Contras devido a ondas de protestos e polarizações entre esquerda e direita, mantinha estável a burguesia, mas afetava a camada mais pobre¹⁹ e com objetivo de por fim às hostilidades. No entanto, tudo indica que a situação perdurou por tempo demais, as eleições de 1990 no país levaram à vitória da direita.

Assim sendo, corroboro com a ideia de que, mais do que a construção de um grupo antigoverno tenha como base e estruturação motivos internos e externos, mas defendo também que, essa interferência direta sob a soberania de um país é capaz de para além da intenção de derrubar o governo por guerras civis, armamento, mas também criar raízes internas e influenciar na política, influenciar nas prioridades e suscitar insatisfação.

VIII. Raízes profundas

O papel dos EUA para manutenção dos Contras na Nicarágua traz consigo um histórico de intervenções de um país e de uma região que vive há tempos a interferência do estrangeiro, assumiu uma função que beneficia o outro e caminha para o fracasso político e social. A luta pela mudança enfrenta o opositor, e na América Latina, segundo Eduardo Galeano (2010), sempre foi assim “Do descobrimento aos nossos dias, tudo sempre se transformou em capital europeu ou, mais tarde, norte-americano, e como tal se acumulou e se acumula nos distantes centros do poder”, (p. 07) e, adjunto a isso, a produção e o trabalho incorporado ao benefício imperialista.

Nos governos de Reagan, portanto, a adoção de uma política de postura imperialista com uma estratégia baseada no fortalecimento do aparato militar estadunidense e a luta declarada contra inimigos de seus princípios é mais contextual do que desembaraçado à frente. Complemento e reduz a política externa norte-americana a uma citação de Perry Anderson (2015)

“sempre havia existido uma tensão dentro do expansionismo norte-americano entre a condenação do separatismo hemisférico e o apelo a um intervencionismo redentor, cada qual gerando seus próprios temas ideológicos e pressões políticas, separatismo e intervencionismo que se cruzavam ou colidiam de acordo com a conjuntura” (p. 31)

No que se refere aos Contras, Puig (2015) destaca a formulação singular que o grupo adquire em relação a países vizinhos, como Honduras, em que, a formação do grupo vem de fora, de insatisfeitos com a proposta Sandinista e ex- formadores da guarda nacional que em vistas da revolução foram para regiões como Miami. Portanto, a formulação não vem de uma

¹⁹Éric Toussaint para o Movimento Revista ao escrever sobre o atual governo de Daniel Ortega faz uma breve contextualização histórica da Nicarágua desde a ditadura de Somoza auxiliando no entendimento da derrocada do governo sandinista. Disponível em: <https://movimentorevista.com.br/2018/07/nicaragua-toussaint-de-onde-vem-regime-ortega/> Acesso em: 02 jan. 2022.

região específica, de um contexto sociopolítico interno desfavorável, mas sim após a sua formação, o grupo se estabelece em regiões fronteiriças. A própria reestruturação do grupo, em 1987, desta vez para Resistência Nicaraguense (RN) aconteceu em Miami. E por mais contraditório que possa soar, a incorporação de grande parte da sociedade rural e fronteiriça, destaco a constatação do autor a respeito desses grupos: “Los campesinos ubicados en las zonas de frontera agrícola nunca llamaron a los contrarrevolucionarios contras, sino simplemente la otra gente” (p. 251).

Ainda assim, os resultados,

“El impacto de la guerra contrarrevolucionaria fue múltiple. A nivel político, tal como hemos expuesto anteriormente, polarizó posiciones y tensionó a cada uno de los sectores sociales, abriendo espacios de enfrentamiento antisistema. A nivel económico, golpeó las conquistas económicas que la revolución proyectó en sus inicios [...] Las consecuencias sociales de la guerra y del descalabro económico fueron evidentes. El FSLN debió abandonar cualquier política económica destinada a un desarrollo que beneficiara a las mayorías y tuvo que concentrarse en su misma supervivencia.” (PUIG, p. 114-115)

É nesse sentido que as ações do governo sandinista se tornam cada vez mais contraditórias em relação às promessas oriundas do contexto revolucionário. Por fim, as alianças estratégicas serão a principal estratégia da manutenção do poder político na Nicarágua.

“La novedad pasaba por el cambio de estrategia, tanto de la Contra como de los sandinistas, acerca de la necesidad de entablar negociaciones para acabar con el conflicto armado. En esta dirección, la Contrarrevolución, aunque no tenía perspectivas de un desenlace militar a su favor, era consciente de que su existencia suponía la constante erosión del gobierno sandinista [...] De esta forma, en la segunda mitad de la década, el proyecto gestado desde las élites somocistas y la administración norteamericana, si bien no triunfó en la pretensión de derrocar al gobierno sandinista —quien mantuvo, a lo largo de la década, un notable apoyo y una gran capacidad de movilización entre las masas urbanas y campesinas de la zona Oeste—, sí pudo captar a aquellos colectivos a los que el FSLN no tuvo la suficiente capacidad de integrar en su proyecto. De esta forma, en Nicaragua, a la sangría económica producida por el bloqueo comercial de los Estados Unidos y a la guerra contrarrevolucionaria, se le sumó la presencia de colectivos opositores notablemente articulados.” (p. 109 -110)

Considerações Finais

Procurou-se, através deste artigo, traçar o histórico da revolução nicaraguense, bem como a formulação de grupos anti-governo naquela sociedade à vistas da política externa reaganiana. A história da vitória revolução nicaraguense poderia ter significado o fim da intervenção norte-americana e do imperialismo naquele país afinal, desde Augusto César Sandino (1895-1934), o nicaraguense vê-se em meio a reivindicações, seja contra, primeiramente os “marines”, posteriormente contra a ditadura da família Somoza e sua Guarda Nacional. Mas, a incorporação de diversas classes à FSLN buscando mais o alvitre da vitória do que a reestruturação política e social foi incapaz de corresponder às expectativas de seus

diversos grupos, ainda que tenha sido um fator decisivo à vitória. A partir deste contexto, pode-se colocar que a política norte-americana, vinculada a alguns grupos junto à FSLN, como pela burguesia dissidente, atuou em prol do combate ao fim da ditadura somozista.

O governo Reagan, segundo Pecequillo (2013) priorizou “o fortalecimento militar e moral, superando a distensão, as crises e refluxo hegemônico dos anos 1970 [...] tendo como objetivo a vitória sobre a União Soviética, o Império do Mal, na Guerra Fria” (p.31). Além disso,

“ao longo de sua história, ser internamente um país democrático não significou perfilar, de modo irrestrito, o apoio a regimes similares [...] Sobrepujar o comunismo a todo custo no 3º Mundo, sem importar-se com as consequências advindas desse radicalismo” (ARRAES, p. 15)

A política externa dos governos de Ronald Reagan, portanto, adotaram medidas que mostraram que os EUA procuram e encontram formas de penetrar sociedades para fins de manutenção da sua hegemonia e manutenção de zonas de influência. Além disso, o escândalo Irã-Contras revelou o financiamento sob um aparato militar, mas estudos como de Sá por exemplo, revelam que atingiram aspectos ideológicos penetrando sociedades de zonas fronteiriças e campesinatos juntando forças internas para implosão do regime.

É portanto possível entender que o imperialismo para além de um contexto político e que faz parte da história da Nicarágua e de outros países de igual condição da América Latina e Central, trata-se de condições de interferências profundas capazes de afetar a estrutura política e social destes países como mencionado acima, e,

“No cabe duda de que un sobrevuelo tal de la historia nicaragüense, presenta el inconveniente de borrar las diferencias entre los proyectos políticos de los actores en competencia, entre Sandino y Somoza García; entre los artífices de la revolución del 19 de julio de 1979 y Anastasio Somoza Debayle; y para terminar, entre los sandinistas y los contras. Ninguna duda de que esta mirada abarcadora, tiende a desdibujar programas, reformas y prácticas políticas que se inscriben sobre registros perfectamente diferenciables. Esta mirada caballera de los eventos, es sin embargo indispensable, para quien quiere reinscribir los acontecimientos y sus actores, en un contexto y una temporalidad, que favorecen ciertas acciones y prohíben otras. Este bosquejo permite comprender, cómo la violencia y la presencia de potencias extranjeras, fueron datos centrales de la vida política nicaragüense en el siglo XX y hasta los años ochenta, notablemente durante períodos de aparente estabilidad” (BATAILLON, 2011).

Além disso, menos do que um levante política contra o governo revolucionário e apoiador de preceitos norte-americanos e mais sobre características da sociedade nicaraguense e como enfrentam os inimigos, os atos devem ser “compreendidos, deben considerarse no como simples excesos que suscitan condena, sino más bien, como otros tantos gestos conformes a todo un código de conductas y de representaciones tácitamente admitidos por el conjunto de actores sociopolíticos.” (BATAILLON, 2011).

Compreendo dessa forma que, os fatores internos para noções de Puig (2012) e Bataillon (2011) se complementam já que a incapacidade do governo em corresponder às demandas sociais tende a causar insatisfação geral, o que corrobora para a introdução de grupos campesinatos, que outrora era expressivo em apoio à revolução naquele país. O governo revolucionário cometeu seus erros e ambiguidades - como qualquer regime cometeria. No caso sandinista, isso debilitou o apoio popular ao regime.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, Perry. **A política externa norte-americana e seus teóricos**. Boitempo Editorial. Rio de Janeiro, 2015.

VILAS, Carlos Maria. **Nicarágua, hoje: análise da Revolução Sandinista**. São Paulo: Vértice, 1986.

FSLN, **Nicaragua: la lucha popular contra la dictadura**. Cuadernos Políticos, número 20, México, D.F., editorial Era, abril-junio de 1979, p. 105-115.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Editora L&PM. São Paulo, 2010.

HOBBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX**. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LEITE, Lucas Amaral Batista. **A Construção do Inimigo nos Discursos Presidenciais norte-americanos do Pós Guerra-Fria**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

RAMÍREZ, Sergio. **Adiós Muchachos: a história da Revolução Sandinista e seus protagonistas**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

PECEQUILO, Cristina. **A Era George W. Bush (2001/2007): Os EUA e o Sistema Internacional**. In: FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO, Estados Unidos: presente e desafios. Brasília, 2008.

PECEQUILO, Cristina. **Os Estados Unidos e o Século XXI**. Elsevier Editora. Rio de Janeiro, 2013.

PUIG, Salvador Martí i. **NICARAGUA (1979-1990)**. La Revolucion Enredada. 2012.

SÁ, Roger dos Santos de. **A Revolução Sandinista: Do triunfo à derrota (1979-1990)**. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2014.

TORRES-RIVAS, Edelberto. **Centroamérica: entre revoluciones y democracia; antología e presentación.** Jorge Rovira Mas - México, D. F.: Siglo XXI Editores. Buenos Aires: CLACSO, 2015.

ZIMMERMANN, Matilde. **A Revolução Nicaraguense.** Coleção Revoluções do Século XX. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

ARTIGOS PUBLICADOS EM LIVROS OU EM REVISTAS ESPECIALIZADAS

ARRAES, Virgílio. **Pós-II Guerra do Golfo: a perda do norte político inicial dos Estados Unidos.** in: Meridiano 47. Boletim de Análise de Conjuntura em Relações Internacionais. Nºs 38/39, Setembro - Outubro. Instituto Brasileiro de Relações Internacionais, 2003.

BATAILLON, Gilles. **De Sandino aos Contras: formas e práticas de guerra na Nicarágua.** in: Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas, vol. 5. Dez 2011.

SILVA, Rodrigo Candido da. **AS GUERRAS DE REAGAN:** ascensão do conservadorismo e os desdobramentos da política externa dos EUA na Era Reagan (1982-1989). in: Revista Eletrônica História em Reflexão: Vol. 8 n. 15. UFGD – Dourados, jan/jun - 2014.

VILLA, Rafael A. D. **A questão democrática na agenda da OEA no pós-Guerra Fria.** in: Dossiê Relações Internacionais. Rev. Sociol. Polit. nº20, jun. 2003.

TOUSSAINT, Éric. **Nicarágua: de onde vem o regime de Daniel Ortega e Rosario Murillo.** Movimento: crítica, teoria e ação. [2018]. Disponível em: <https://movimentorevista.com.br/2018/07/nicaragua-toussaint-de-onde-vem-regime-ortega/>
Acesso em: 02 jan. 2022.